

Sobre práticas e pensamento

ANA LUISA LIMA

“A relação intrínseca entre verdade e justificação é revelada pela função pragmática de conhecimento que oscila entre as práticas cotidianas e os discursos. Os discursos são como máquinas de lavar: filtram aquilo que é racionalmente aceitável a todos. Separam as crenças questionáveis e desqualificadas daquelas que, por um certo tempo, recebem a licença para voltar ao status de conhecimento não-problemático.” (Jürgen Habermas em “A Ética da Discussão e a Questão da Verdade”)

É certo que dentro desse contexto contemporâneo em que se celebra o indivíduo psicologicamente fragmentado e polivalente em suas atividades, tem-se por corolário a pretensão de Todas as possibilidades não só no fazer arte, bem como nas práticas curatoriais e críticas. Na dinâmica de tantos afazeres e a busca de preencher todos os espaços que lhes são dados, críticos e curadores perdem, nesse caminho, a oportunidade de um olhar mais reflexivo e aprofundado, sobre seus próprios trabalhos, por causa da falta de parâmetro.

Arrisco um diagnóstico ao ouvir algumas falas, que transitam entre a insegurança e a incerteza, de alguns dos curadores que compuseram o Panorama do Pensamento Emergente. Creio que ainda existe (em nosso imaginário) uma mágoa rançosa em relação às ideologias pré-modernistas em que tudo seguia um cânon. Tal rancor faz a maioria se abster de uma tomada de posicionamento (pragmático ou ideológico) receosa de estar aderindo a um moralismo impermeável e arredo. A questão é que essa falta de posição, de referência, emperra a tentativa de uma epistemologia. Os questionamentos acabam sendo superficiais porque os discursos também os são – preocupados apenas em trazer à tona não a verdade (pragmática), mas uma justificativa de ações.

Sintomas disso é que, nos encontros de pares, o maior tempo é gasto nos relatos de entraves e tentativas de elucidações das problemáticas cotidianas sem, no entanto, desenhar um contexto e uma direção para que se tragam à baila as discussões reflexivas sobre as produções (curatoriais ou críticas).

Cabe dizer que, no Brasil, temos uma fragilidade institucional que começa da inabilidade (ou má vontade) dos nossos legisladores em criarem uma política pública que assegure a estabilidade de nossos museus e a execução de projetos curatoriais a despeito do humor da gestão executiva (seja ela municipal, estadual ou federal). Ainda assim, não penso que isso seja suficiente para justificar um esvaziamento de significado no exercício da crítica e da curadoria.

Tivemos em Walter Zanini e, atualmente, em Paulo Hekenhoff exemplos de posturas bem definidas de trabalho. Este último, alicerçado em um exercício contínuo de pesquisa, interessa-se em preencher lacunas de um passado histórico, e quem sabe, reescrever uma história da arte (sobretudo, moderna) paulicêntrica. Esse (ainda) não é o momento de por em questão juízos de valores, mas a procura de discutir e entender que práticas são essas, ou que pensamentos emergentes são esses – promessa de serem desvendados no Panorama do Pensamento Emergente – que surgem sob um discurso de “compromisso geracional”. Porque na verdade, de discurso em discurso, o que pude perceber é que existe muito mais um compromisso relacional (relações de afetos e redes de trabalhos) do que um comprometimento com a geração – embora essas relações de afeto e de trabalho quase sempre se dêem entre esses de uma mesma geração.

O que é o compromisso geracional dentro de uma política curatorial que repete exaustivamente dos mesmos nomes em detrimento de outros com trajetórias mais curtas? A quem cabe decidir quais trabalhos são mais significativos que outros? Quem decide qualidade? Quase sempre que se discute sobre curadoria pensa-se no binômio curador-artista e tira-se dessa matemática o público como agente ativo. Ora, não é uma postura um tanto quanto arrogante pensar no público apenas como receptor de imagens-significados e não também como um formador de opiniões? As curatorias demasiadamente autorais não se arvoram a prescindir o compromisso de uma gestão para o público e com o público, mormente, se num museu mantido recurso estatal (ou municipal)?

Como disse logo acima, a polivalência dos curadores e críticos, que atuam segundo as oportunidades que lhes são dadas, não importando se no âmbito público ou privado, institucional ou independente, acaba embaraçando um posicionamento claro maquiado pelo discurso, já mencionado, do compromisso geracional. Esse é um ponto para adentrarmos um pouco mais ao campo da ética.

Quero acreditar que, ingenuamente equivocados, alguns jovens curadores adotam o preceito de que ética é pessoal, cada um tem a sua. Porque a razão de ser da ética é por sua parte subjetiva e, sobretudo, sua parte objetiva. Um curador que trabalha com dinheiro público tem implicações éticas bem maiores do que gere dinheiro privado. Mas, quando reclamo uma tomada de posição é muito mais por uma necessidade de busca de construção de conhecimento, (e por que não conceitos?), nessa instância ainda tão inconsistente que é a ciência da arte aqui, do que uma tentativa de moralizar os exercícios de crítica e curadoria.

Por fim, resta reclamar o cumprimento da promessa do panorama de um pensamento emergente brasileiro. De outro modo, o que tivemos foi um panorama das práticas de críticos/curadores que estão emergindo e no desejo de continuar em ascensão desdobram-se em mil e uma atividades sem, contudo, deterem-se necessariamente a construção de um pensamento.

